

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Ana Luiza Xavier Barros
Eliana P. G. de Moura
Marcos Kammer
Matilde Contreiras
Reinaldo Xavier Tillmann

Resumo

Este artigo analisa as representações sociais de estudantes universitários sobre a formação profissional que almejam, sobre a sociedade em que vivem e sobre seu papel nesta sociedade e é fruto da primeira etapa de uma investigação, de caráter longitudinal, que visa acompanhar o processo de formação acadêmica de universitários de diversos cursos de graduação, de uma universidade privada do RGS, que ingressaram, via concurso vestibular, no primeiro semestre de 2003. Nesta etapa, os participantes preencheram um questionário com perguntas fechadas, que visaram identificar o perfil socioeconômico e cultural dos ingressantes, e com perguntas abertas, a partir das quais, realizou-se a análise das representações sociais. No presente trabalho, apresentamos as conclusões desta análise, efetuada através da técnica de análise de conteúdo.

Palavras-chave: formação profissional, estudantes universitários, representações sociais.

THE SOCIAL REPRESENTATION ABOUT THE PROFESSIONAL FORMATION IN UNIVERSITY STUDENTS

Abstract

This article analyzes the social representations of undergraduate students on the professional formation who wish, on the society where they live and on their social rules. The research was carried through as part of the first stage of a longitudinal inquiry that aims to follow the process of academic formation of undergraduate students of various undergraduate courses, at a private university, in the state of Rio Grande do Sul, whose were freshmen in the first semester of 2003. In this stage, the participants had filled a questionnaire with closed questions that had aimed to identify the social-economic-cultural profile of the students and with opened questions, from which we analyzed their social representations. In this paper, we present the conclusions of this analysis, to which we used the technique of content analysis.

Key-words: professional formation, university students, social representations.

Introdução

Embora as motivações pessoais para a formação universitária sejam diversificadas e não necessariamente instrumentais, atualmente, a maioria dos jovens que ingressam nas universidades brasileiras buscam uma formação profissional que garanta uma condição ocupacional confortável, num mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente (DESAULNIERS, 1997). Especialmente nas camadas sociais em que o trabalho dos jovens é uma importante fonte de manutenção familiar, a contração e o acirramento da competição no mercado de trabalho só veio tornar mais explícitas e urgentes a necessidade de formação e a de qualificação profissional.

No entanto, nos anos recentes, o período de tempo da formação acadêmica tem-se estendido, conduzindo um número cada vez maior de jovens para o nível da pós-graduação. Do ponto de vista prático, isto implica, geralmente, a prorrogação do ingresso dos jovens no mercado de trabalho, o que nem sempre se torna possível para aqueles oriundos de famílias de nível socioeconômico menos favorecido.

Mesmo assim, embora a formação universitária - cujo ideário é a formação científica e tecnológica - remeta a inserção no mercado de trabalho para uma etapa posterior, a crise econômica vem sendo acompanhada pelo crescimento do número de jovens que, muito antes de buscarem a formação universitária, precisam trabalhar para atender às demandas de sua subsistência e de sua família. Neste amplo segmento social, geralmente, os jovens chegam às universidades, pressionados pelo aumento das exigências de instrução e de domínio de novas habilidades para o trabalho, trazendo uma visão de mundo, de sociedade e de seu papel nessa sociedade forjada nas e pelas experiências do mundo do trabalho.

Na condição de estudantes “trabalhadores”, buscam maior mobilidade social, trazendo a expectativa de conquistar uma profissão “definitiva” e/ou aprimorar sua qualificação a fim de abandonar o trabalho provisório que vêm exercendo, geralmente, de forma precária.

Neste sentido, vem crescendo o número de jovens que, ao ingressarem no ensino universitário, aderem ao trabalho “provisório”, geralmente, na forma de bolsas de estudos. Trata-se de um recurso de transição entre a fase de educação geral e a formação profissional, na qual o trabalho do estudante coloca-se como fundamental para o orçamento de muitas famílias que, de outro modo, não teriam condições de sustentá-lo no ensino universitário, principalmente, particular.

A partir destas considerações, buscamos conhecer a representação da formação profissional que os universitários almejam, a sua relação com a

representação da sociedade em que vivem e seu papel nessa sociedade, a fim de problematizar o lugar das representações sociais no processo de formação profissional. Especificamente, buscamos investigar o papel das representações sociais no processo de formação profissional, no sentido da criação e/ou manutenção de crenças e comportamentos sociais que bloqueiam (ou não) a produção de novos conhecimentos, bem como de críticas transformadoras da realidade social.

Formação universitária e representação social

Consideramos que o desafio do atual modelo de formação universitária diz respeito à superação da mera transmissão de informações técnicas por meio da implementação de uma formação profissional que, articulando a formação científica e tecnológica a uma visão ético-política, favoreça a formação para a cidadania.

Não negamos que uma sólida formação dos saberes científico-tecnológicos é importante para a inserção de profissionais competentes num mercado de trabalho cada vez mais competitivo e, evidentemente, reconhecemos que a universidade é o lugar desses saberes. Entretanto, entendemos que uma dissociação entre formação profissional e formação ético-política não se justifica, uma vez que não se pode dissociar a cognição do quadro sóciopolítico e cultural na qual ela se forja.

Entendemos que a formação universitária ocorre no âmbito das relações sociais, o qual ultrapassa a percepção social e nos confronta com um amálgama de conhecimentos – crenças, ideologias, senso comum, religiões, ciência, etc. – convencionalmente, chamado “representações sociais”. O conceito de representação social constitui o elemento central, na proposta deste estudo, na medida em que admite e reconhece a existência de uma forma específica de saber - caracterizado como conhecimento do senso comum – constituído no e pelo campo social e que penetra e intervém no processo de formação profissional.

A noção de representação social adotada neste trabalho corresponde à teoria inaugurada por Serge Moscovici, em 1961, a qual tem-se desenvolvido de diversas formas, apresentando-se mais como um campo de teorizações e pesquisas do que como uma teoria fechada. No Brasil, uma das suas abordagens mais influentes assume a perspectiva antropológica desenvolvida por Jodelet (1993), que estuda as formas que tomam os processos de objetivação das representações, através de seus clássicos estudos sobre representação da doença mental em uma comunidade rural.

Segundo Jodelet (1989a), as representações sociais situam-se na interface do psicológico e do social e referem-se à forma como os sujeitos sociais apreendem e significam os fatos da vida cotidiana. Trata-se de um conhecimento socialmente elaborado e partilhado, com finalidades práticas, que concorre para a construção social da realidade.

Ora, na medida em que a formação acadêmica universitária se processa inundada por esse amálgama de conhecimento do senso comum (em oposição ao conhecimento científico), não há razões objetivas para desconsiderarmos estes conhecimentos, dissociando o processo de formação profissional de uma formação ético-política. O problema é que, atualmente, os currículos da maioria dos cursos de graduação não encaram esse problema de frente. Em geral, fundados numa concepção de ciência e de tecnologia profissionalizante, diretamente vinculada ao mercado de trabalho, a maioria dos currículos, ao priorizarem, apenas, conteúdos pragmáticos e utilitaristas, correm o risco de implementarem uma formação de meros técnicos.

Neste contexto, o atual modelo de formação universitário parece não conseguir articular formação profissional e formação ético-política, porque se dedica, exclusivamente, a forjar uma consciência profissional que, apenas, compreende e explica fatos e idéias específicos, subestimando a importância das representações sociais na criação e manutenção das crenças e comportamentos sociais. Com isso, corre o risco de encerrar-se numa concepção economicista e cientificista, bloqueando a produção de novos conhecimentos e inviabilizando críticas transformadoras da realidade social.

Considerando que a palavra “social” quer indicar que as representações são fruto de um diálogo permanente entre indivíduos e grupos, adaptando-se ao fluxo de interações, porque sua função principal é a comunicação e a ação – processo através do qual elas são geradas – parece-nos que o desafio está em encontrar respostas à questão nodal sobre como oferecer uma formação profissional universitária competente, sem cair nas armadilhas da mera capacitação técnica para postos de trabalho de rápida obsolescência.

Entendemos que o modelo de formação universitária, mais do que uma sólida formação profissional para o trabalho, deveria incorporar uma formação ético-política para a cidadania, a partir da própria dinâmica das interações sociais, penetrando e, quando necessário, modificando o núcleo das representações que os sujeitos formam de si próprios, do seu grupo e de outros grupos, definindo o que é lícito, tolerável ou inaceitável em dado contexto social.

É importante considerar que ao priorizar o treinamento dos indivíduos, no sentido de formar uma mão-de-obra produtiva para o mercado, o modelo de formação universitária corre o risco de, apenas, indicar aspectos

pontuais da organização da sociedade, demonstrando desconhecer ou desconsiderar o fato de que todos os problemas abordados constituem faces de um mesmo modelo predador e excludente.

Embora deva estar comprometida com a tarefa de apropriar-se do conhecimento e do discurso científico, a formação universitária não pode isolar-se, desprezar e/ou desqualificar os demais saberes - o saber do trabalho manual, o saber da vida em comunidade, enfim, o conhecimento do “senso comum”. Aliás, Moscovici (1976), cunhou o conceito de representação social, exatamente, para insurgir-se contra a idéia de que as pessoas comuns, na vida diária, pensam irracionalmente, o que, de certo modo, reabilitou o conhecimento do senso comum. Segundo o autor, as representações sociais:

...encarnam um fenômeno típico das sociedades modernas, poli-religiosas, pluripartidárias, mediáticas, em que não há mais mitos unificadores (...), e sim uma proliferação de conceitos, imagens, que nascem e evoluem sob nossos olhos, sem terem tempo de se transformarem em tradições. Elas determinam nossa visão de mundo e nossa reação às pessoas e coisas. Seu impacto [portanto] não provém da sua consistência, mas da penetração que tem a visão que transmite e da ação que encorajam. (MOSCOVICI, 1986, p 77)

Assim, se admitimos que a formação universitária trabalha com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade, devemos assumir a premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, mas que definem duas pregnantes: uma consensual e outra reificada (ou científica), cada uma gerando seu próprio universo.

Reconhecer essa diferença, entretanto, não significa impor uma hierarquia nem um isolamento entre elas; significa, apenas, ressaltar propósitos diversos. Assim, explorar as representações sociais significa localizar e compreender seu lugar no processo de formação universitária, assim como conhecer o lugar da formação universitária no universo de conhecimentos consensuais, através do contato com as imagens e conteúdos que expressam as necessidades e expectativas dos estudantes.

Cabe esclarecer a diferença entre o universo de conhecimentos consensuais e o universo de conhecimentos reificados (ou científico). O universo consensual constitui-se principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico

co, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Voltado para o conhecimento científico, o universo reificado dita a forma como diferentes objetos devem ser entendidos pela sociedade em geral. Já o universo consensual, voltado para o senso comum, refere-se à forma pela qual os objetos definidos pelo universo reificado são incorporados ao conhecimento já existente em indivíduos e grupos na sociedade (BANGERTER, 1995).

Apesar de terem propósitos diferentes, ambos são eficazes e indispensáveis para a vida humana. Embora as duas esferas não sejam totalmente estanques, em geral, as representações sociais constroem-se mais freqüentemente na esfera consensual porque, neste universo, todos podem falar de tudo, enquanto no universo de conhecimentos reificados, apenas os especialistas podem falar.

De acordo com Moscovici (1976), no universo consensual, somos todos “sábios amadores”, capazes de opinar sobre qualquer assunto numa mesa de bar, diferentemente do que ocorre nos meios científicos, nos quais as especialidades determinam quem pode falar sobre o quê. Na medida em que as representações sociais são constituídas a partir das experiências e informações que recebemos e transmitimos através da comunicação, no processo de interação entre indivíduos e grupos, elas exprimem o saber popular, um conhecimento “pré-teórico” que se produz e reproduz no cotidiano.

Longe de considerar as representações sociais dos estudantes universitários como um saber confuso, inconsistente ou equivocado, o qual deveria ser convertido ao discurso científico hegemônico, entendemos que o processo de formação profissional universitário deveria buscar aprender e levar em consideração como os sujeitos e os grupos sociais constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural etc. Além disso, deveria levar em consideração o processo através do qual a sociedade, por meio da universidade, se dá a conhecer e constrói (ou não) o universo consensual com os indivíduos e nele intervir.

Em suma, porque entendemos que o modo como sujeitos e sociedade interagem para construir a realidade passa pelo processo de formação universitária, numa estreita parceria, recusamos a mera articulação entre formação universitária e mercado de trabalho. Entendemos que esta mera articulação, apenas, revigora a relação entre conhecimento e técnica, situando a universidade como mero lugar de treinamento, resumindo-a a uma agência de serviços, formadora de mão-de-obra para o mercado, favorecendo, corroborando e sustentando práticas de reprodução das desigualdades sociais, as quais passarão a ser, então, legitimadas pelo universo de conhecimentos reificados que ela mesma produz.

A teoria das representações sociais

O conceito de representação social vem sendo utilizado na análise de diversos fenômenos sociais e, especialmente no Brasil, tem subsidiado inúmeros estudos. Dentre tantos, destacam-se estudos que analisam aspectos, tais como: a ecologia (ARRUDA, 1993); a prostituição (CASTRO, 1993); a criança (GUARESCHI, 1993); a justiça (MENIN, 2000); a homofobia (LACERDA & COLS., 2002); os meninos de rua (ABRIC & CAMPOS, 1996); o trânsito (CAMPOS & LAGARES, 2001); o Brasil (CAMPOS & ROUQUETTE, 2000).

Cabe salientar que a teoria das representações sociais tem recebido diversas críticas, tanto no nível conceitual (AUGOUSTINOS & WALKER, 1995; JAHODA, 1988; POTTER & LINTON, 1985), quanto no nível metodológico (LEYENS & DARDENNE, 1996). Contudo, pode-se observar e reconhecer que tem havido importantes avanços para uma definição das representações sociais, sobretudo nas tentativas de Abric (1987), para destacar a subjetividade e o caráter social das representações.

Em termos gerais, pode-se definir uma representação social como o resultado de um processo psicológico, socialmente compartilhado, que conforma a realidade ao modo como está sendo experienciada por indivíduos e grupos, tornando-se uma reprodução mental do mundo e dos outros.

Entretanto, apesar de ser socialmente compartilhada – através de crenças cujo objetivo é explicar a experiência social, e que são a sua gênese – uma representação resulta da negociação dinâmica das interações sociais sendo, portanto, constantemente modificada ou adaptada, na medida em que vai sendo incorporada. Assim, uma representação social funciona como o mediador cognitivo na interface entre a ação individual e a ideologia social (JODELET, 1984; VALA, 1993).

Assim, a teoria das representações sociais permite abordar as interligações da dinâmica social como a atuação dos sujeitos sociais porque, as representações sociais são consideradas um elo de ligação entre o psicológico e o social, dando a conhecer o que, como e porque as pessoas pensam de um determinado objeto e/ou conhecimento.

Entretanto, se é verdade que, dentre as duas fontes ou universos do conhecimento (reificado e consensual) existente numa sociedade, as representações sociais, constroem-se na esfera do universo consensual, deve-se ainda considerar que sua gênese e seu desenvolvimento ocorrem a partir de dois fenômenos inter-relacionados: a ancoragem e a objetivação. Contudo, embora sejam dois processos sociocognitivos que atuam, dialeticamente, na formação das representações sociais, objetivação e ancoragem, possuem fun-

ções diferentes em relação aos desdobramentos que operam sobre o núcleo central e o sistema periférico.

A objetivação pode ser definida como a transformação de uma idéia, de um conceito ou de uma opinião em algo concreto. É uma cristalização, a partir de um processo figurativo e social, que passa a constituir o núcleo central de uma determinada representação social, sendo, seguidamente, evocada, concretizada e disseminada, como se fosse o real daqueles que a expressam. É a partir da objetivação que sentimentos como amor, tristeza e medo, por exemplo, são tratados pelo senso comum como se fossem coisas concretas, instituindo uma visão natural, socialmente aceita e constantemente reproduzida, que visa delimitar aspectos que, na realidade, são invisíveis. Assim, a objetivação tem a função de permitir, aos diversos grupos, compartilhar melhor a realidade em que vivem seus membros (ABRIC, 1996; MOSCOVICI, 1984).

A ancoragem, por sua vez, refere-se à inserção do objeto da representação em um marco de referência pré-existente, permitindo incluir um conhecimento novo num conjunto de conhecimentos já constituído, desempenhando o papel de ligar um conhecimento novo (e portanto estranho) ao conhecimento já existente (familiar).

Estes dois processos alimentam a dinâmica das transformações que ocorrem no âmbito do núcleo central, o qual constitui o elemento essencial da representação. Embora não se limitando a um papel genérico, a atribuição de característica essencial, concedida ao núcleo central, apóia-se no fato de ser ele o elemento que determina o significado de uma representação e, ao mesmo tempo, que contribui para sua organização interna.

O núcleo central é determinado pela natureza do objeto e pelo sistema de valores e normas sociais que constituem o contexto ideológico do grupo. É neste âmbito que as representações sociais cristalizam-se, solidificam-se e estabilizam-se, a partir da vinculação de idéias, de mensagens de homogeneização reificadas, as quais são mediadas pela realização de ações concretas e, basicamente, resistentes a mudanças.

Neste sentido, estudar uma representação social significa, antes de qualquer coisa, identificar os elementos constituintes de seu núcleo central. Para conhecer o conteúdo de uma representação social, é preciso analisar sua organização, quer dizer, a hierarquia dos elementos que a constituem e as relações que esses elementos mantêm, estreitamente, entre si (ABRIC, 2003), pois são eles que fornecem consistência e relevância ao conteúdo.

Contexto e metodologia do estudo

Constituindo uma proposta de investigação de caráter longitudinal, que visa acompanhar o processo de formação acadêmica de universitários, na sua primeira etapa, realizou-se um estudo com 734 estudantes universitários de ambos os sexos, de uma universidade particular do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Este número, representou uma amostra de 65,5%, do universo de 1.121 estudantes que prestaram concurso vestibular no primeiro semestre letivo de 2003 e que, em abril do mesmo ano, estavam efetivamente matriculados e cursando os diferentes cursos de graduação. Não foi realizado nenhum controle no que se refere às diferenças entre os cursos dos participantes.

Os questionários foram aplicados por quatro pesquisadores em salas de aulas, previamente definidas através de sorteio, contando com o auxílio dos professores e com o consentimento da direção de cada curso, sendo seu preenchimento de caráter voluntário. Os estudantes responderam aos questionários individualmente, em situação coletiva, num intervalo de tempo que variou de 20 a 30 minutos, sendo que não foram observadas recusas por parte deles. Foi utilizado um questionário contendo perguntas fechadas – que visaram caracterizar o perfil socioeconômico e cultural dos respondentes – e perguntas abertas de evocações livres – que visaram analisar a estrutura das representações sociais dos universitários, sobre a formação profissional que almejam e a relação que essa representação mantêm com as representações sobre a sociedade em que vivem e sobre seu papel na sociedade.

Embora reconhecendo a importância dos atuais debates metodológicos para o estudo das representações sociais, no presente estudo, optamos pela técnica de análise qualitativa a fim de analisar a estrutura das representações. Assim, inicialmente, procedemos à descrição, comparação e combinação dos temas empregados pelos estudantes investigados, os quais foram analisados através da técnica de análise do conteúdo (BARDIN, 1977), sendo codificados nas três categorias definidas a priori (*entendimento e/ou visão sobre a sociedade atual, sobre seu papel na sociedade e sobre a formação profissional*).

A seguir, observamos três fases de análise: a organização do campo representacional; os princípios organizadores das diferenças individuais e a ancoragem social dos princípios organizadores.

Na primeira fase - organização do campo representacional - analisamos as percepções compartilhadas pelos estudantes sobre os objetos soci-

ais (formação profissional, sociedade, seu papel na sociedade). Esta fase constituiu a análise do processo de objetivação, propriamente dito, porque permite vincular os elementos (compartilhados) das teorias de senso comum às cognições sociais.

Na segunda fase, dada a variabilidade dos posicionamentos individuais em relação aos conteúdos objetivados, buscamos identificar os princípios organizadores dos posicionamentos na estrutura do campo representacional.

Na terceira fase, a da ancoragem social, no nível psicológico, analisamos como as representações sociais se ancoravam nas atitudes individuais. No nível sociológico, analisamos a influência das características socioculturais dos investigados, bem como das suas experiências (prévias e/ou concomitantes) no mundo do trabalho, sobre suas representações. Finalmente, no nível psicossociológico, analisamos a ancoragem das representações sociais dos estudantes investigados, através da identificação de posicionamentos ideológicos ligados às temáticas sociais mais amplas (formação profissional, mercado de trabalho, ensino universitário privado, competitividade, crise econômica, etc.).

Desse modo, as análises revelaram conteúdos comuns que foram sintetizados em torno de concepções associadas aos temas indutores - a sociedade, o papel do estudante na sociedade e a formação profissional – permitindo-nos esboçar uma interpretação descritivo-compreensiva das representações sociais, construindo e retratando uma síntese do fenômeno pesquisado.

Análise e discussão

As análises das representações sociais são indispensáveis para a compreensão da dinâmica social porque, além de fornecerem informações sobre a natureza das relações entre os indivíduos e, destes, com o campo social, explicitam os determinantes dos comportamentos e das práticas sociais. Ou seja, são as análises das representações sociais que possibilitam a visualização dos seus elementos, a partir da identificação das dimensões que organizam os elementos empíricos em categoriais, sejam eles informados pelos entrevistados ou inferidos na própria análise. As dimensões ou os elementos constitutivos das representações sociais, por sua vez, são definidos como os conjuntos mais estáveis apreendidos do material discursivo, que organizam e dão sentido às palavras, categorias, frases etc., agrupando elementos empíricos comuns em temas que encontram ressonância no pensamento socialmente construído.

Assim, com base na teoria das representações sociais, as análises realizadas neste estudo demonstram que a representação dos estudantes sobre a sociedade - quando tomada como tema isolado - expressam uma realidade social marcada pela “*desigualdade*” e pela “*exclusão social*”. Quanto à representação que os estudantes têm sobre seu papel na sociedade - também, quando tomada como tema isolado - os conteúdos manifestaram-se como “*luta*”, “*esforço*” e “*desafio*”, incitando sentimentos de “*sofrimento*”, “*inadequação*”, “*desadaptação*” e “*inconformidade*”. Trata-se de conteúdos que, embora possuindo o mesmo significado, podem não ter o mesmo sentido significativo.

Na tentativa de tirar conclusões mais valiosas e menos fragmentadas do que a mera associação de palavras, buscamos “penetrar” no núcleo central das duas representações. Assim, na representação social dos estudantes sobre a sociedade, encontramos o núcleo central constituído por “*desumanidade*”, “*violência*”, “*discriminação*”, “*injustiça*”, “*individualismo*”, “*hipocrisia*”, “*consumismo*”, apontando que o significado e o sentido dessa representação estão associados à conotação de “*desigualdade*” e “*exclusão social*”, no sentido de um ambiente hostil, competitivo e de difícil acesso. Quanto à representação dos estudantes sobre seu papel na sociedade, os conteúdos manifestaram-se como “*ganhar a vida*”, “*pagar as despesas*”, “*atingir objetivos pessoais*”. Nesse caso, compreende-se perfeitamente que o significado e o sentido dessa representação social estão associados a uma conotação de *luta*, “*esforço*” e “*desafio*”, no sentido da realização de si e de busca de reconhecimento social.

Este sentido significativo parece estar ancorado no conteúdo da representação dos estudantes sobre a formação profissional, o qual expressa uma perspectiva de “*qualificação para o mercado de trabalho*” e “*projeção social*”, evidenciando um conteúdo que representa a formação profissional como uma oportunidade dirigida exclusivamente à satisfação de necessidades e aspirações pessoais.

Contudo, na perspectiva de compreender as relações entre a representação dos estudantes sobre a formação profissional, sobre a sociedade em que vivem e sobre seu papel na sociedade, analisamos os núcleos centrais e periféricos que as estruturam, especialmente, a partir dos elementos periféricos presentes na representação sobre seu papel na sociedade, manifestados por meio dos sentimentos de “*sofrimento*”, “*inadequação*”, “*desadaptação*” e “*inconformidade*”.

Nesta análise, identificamos que a representação sobre a formação profissional está estruturada sobre duas dimensões nucleares: uma de conteúdo moral, que denota a formação profissional como condição de cidadã-

nia, a partir da qual os jovens concebem-se como agentes de transformação social; e uma segunda dimensão, cujo conteúdo é de necessidade, onde a formação profissional é vista como condição de possibilidade de sobrevivência porque, por meio da qualificação profissional, garante o acesso ao emprego.

Num nível intermediário (nem nuclear e nem periférico), localiza-se uma terceira dimensão, cujo conteúdo refere-se às conseqüências da formação profissional, expressando inter-relação entre realização pessoal e ascensão profissional. Observa-se aqui uma estreita relação e associação entre formação, diploma e título, numa ordem de evocação que nos permite considerar que esta dimensão intermediária confirma o conteúdo daquela segunda dimensão nuclear das representações.

Como elementos periféricos, observamos duas dimensões: uma dimensão, relativa ao futuro, cujo conteúdo associa formação profissional à satisfação e realização pessoal; e uma dimensão, relativa às conseqüências da formação, explicitando um conteúdo sobre as condições concretas através das quais ela ocorre.

Neste sentido, observamos uma ambigüidade na periferia das representações sociais dos estudantes ingressantes. Por um lado, denotam a formação profissional como via de mobilidade e ascensão social e, por outro, como incapaz de garantir uma boa preparação profissional – talvez, em decorrência das suas condições desfavoráveis – implicando a impossibilidade de a formação profissional corresponder às suas expectativas. Provavelmente, decorram daí os sentimentos de esforço e sofrimento.

Formação profissional para transformar a (sua) vida

Por meio das análises efetuadas neste estudo, identificamos os elementos constitutivos (nucleares e periféricos) da representação de estudantes universitários sobre a formação profissional que almejam, bem como compreendemos as relações entre a representação da sociedade atual e de seu papel nesta sociedade. Nesse sentido, os estudantes que participaram deste estudo atribuíram significados bastante claros a cada objeto analisado e, ao mesmo tempo, associaram a eles funções distintas, permitindo-nos construir algumas interpretações que, embora provisórias, fornecem importantes subsídios para a continuidade da investigação.

Resumidamente, para os estudantes investigados, a universidade – enquanto instância de produção e disseminação do saber científico-tecnológico – é vista como a chave que abre as portas para um futuro de satisfação e

realização pessoal e, ao mesmo tempo, constitui um longo caminho de esforço, desafio e luta contra os mecanismos de legitimação das desigualdades sociais que estão colocados, no próprio processo de formação profissional, na medida em que este não assegura sua plena qualificação para o mercado de trabalho.

Assim, realização pessoal e ascensão social – colocadas como sinônimo – aparecem como ideal a ser conquistado, posteriormente, à formação profissional universitária, visto que esta, diante das crescentes crises e dificuldades econômicas, não dá conta das suas necessidades de colocação no mercado de trabalho. Os estudantes buscam, então, uma formação profissional universitária, apenas, para assegurar sua empregabilidade, porque reconhecem que, apesar das adversidades, ela ainda constitui um (primeiro) diferencial de competitividade. Para eles, a formação profissional universitária constitui o ponto de partida de um longo caminho a ser percorrido na direção da satisfação pessoal, desde que os capacite para identificar, analisar, posicionar-se e intervir nas complexas situações sociais, tornando-os agentes de transformação de suas próprias vidas, por meio da ascensão social.

No âmbito desta reflexão, evidencia-se que as necessidades e expectativas que os estudantes trazem à universidade quanto à formação profissional, estão relacionadas a habilidades instrumentais, com ênfase no individualismo e no mercado dos conhecimentos reificados. Embora busquem a qualidade do ensino, esta se expressa nos limites do tecnicismo cientificista e de uma formação pragmática.

Considerando que as representações sociais não representam, simplesmente, opiniões, imagens ou atitudes em relação aos objetos sociais, mas sistemas de conhecimento, que organizam a sociedade (MOSCOVICI, 1976), podemos inferir que as representações sociais dos estudantes investigados têm suas origens históricas no mundo concreto das relações de produção e da economia globalizada que, ao mesmo tempo, reforçam esses mesmos valores, idéias e práticas, no âmbito da formação profissional universitária.

Do ponto de vista prático, as representações dos estudantes investigados objetivam uma representação da formação profissional que transforma a educação em mera mercadoria. A fim de reverter este quadro, impõe-se admitir e reconhecer as diferenças histórico-sociais que estão sendo constituídas no cotidiano das próprias práticas da formação profissional. Isso implica conceber-se a formação profissional universitária enquanto uma prática social na qual interagem e se articulam diferentes referenciais de leitura da realidade e diferentes protagonistas. Assim, a formação profissional universitária poderá transformar-se num domínio particular de apropriação e

reconstrução de valores, de confronto entre ações e conhecimentos, práticas e representações, constituindo um mecanismo psicossocial de transformação da realidade social.

Vale salientar que estamos assumindo aqui uma posição na qual nem as representações, nem as práticas se configuram como determinantes umas das outras, mas como categorias que atuam uma sobre a outra, reciprocamente. Recusamos a posição que entende as práticas, invariavelmente, condicionadas pelas suas representações, como se fosse possível deduzir posturas e ações a partir de um tecido de representações. Em vez disso, afirmamos que não são apenas as representações que definem as práticas, mas, a partir delas, podemos construir novos modos de pensamento que desafiem os padrões de relacionamento entre os indivíduos e grupos sociais.

Considerações finais

Considerando que as representações sociais constituem apropriações dos conhecimentos produzidos pela ideologia, pela ciência e pelo mito, mantendo a heterogeneidade e o dinamismo, próprios das comunicações das sociedades de massa, atualmente, pode-se visualizar a constituição de um novo campo de conhecimentos a partir das novas formas de organização e de gestão que modificaram estruturalmente o mundo do trabalho e desenharam um novo cenário econômico e produtivo.

Com efeito, com o desenvolvimento e emprego de tecnologias complexas agregadas à produção e à prestação de serviços, e a crescente internacionalização das relações econômicas, estabeleceu-se um campo próprio de conhecimento, no qual a maior capacidade de raciocínio, a autonomia intelectual, o pensamento crítico, a iniciativa própria e o espírito empreendedor, bem como a capacidade de visualização e resolução de problemas, compõem o novo conteúdo da representação social - enquanto imagens que encerram um conjunto de significados compartilhados - sobre a formação profissional universitária.

Desse modo, os novos parâmetros curriculares para a educação, em todos os níveis, também tiveram suas origens históricas baseadas no mundo concreto do trabalho, das relações de produção e da economia globalizada, pois passou-se a requerer, do contexto educacional, uma sólida base de educação geral combinada a uma formação profissional a fim de desenvolver competências, em níveis de maior complexidade, relacionadas com a inovação, a criatividade, o trabalho em equipe e a autonomia para a tomada de decisões, mediadas pelas novas tecnologias e pela globalização das informações.

Assim, este estudo foi elaborado na crença de que todos os esforços no sentido da revisão dos currículos da educação profissional a fim de atualização, aperfeiçoamento e requalificação profissional podem resultar infrutíferos, caso o objetivo maior da formação profissional universitária (capacidade de raciocínio, autonomia intelectual, pensamento crítico, iniciativa própria e capacidade de visualização e resolução de problemas) seja dificultado, ou mesmo impossibilitado, pela desconsideração da forma pela qual as representações sociais são construídas no âmbito do próprio processo de formação profissional universitário.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. *Coopération, compétition et représentations sociales*. Cousset: DelVal, 1987.
- _____. Specific processes of social representations. *Papers on Social Representations*, v.5, p. 77-80, 1996.
- _____. *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2003. p.60-61.
- _____; CAMPOS, P. Les éducateurs et leur représentations de l'enfant de rue au Brésil. In: ABRIC, J. (Org.). *Exclusion sociale, insertion et prévention*. Saint-Agne: Érès, 1996. p. 137-149.
- AUGOUSTINOS & WALKER. *Social cognition: An integrated introduction*. London: Sage, 1995.
- ARRUDA, A. Ecologia e desenvolvimento: Representações sociais de especialistas em formação. In: SPINK, M. J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 234- 265.
- BANGERTER, A. Rethinking the relation between science and common sense: A comment on the current state of social representation theory. *Papers on Social Representations*, 4, 1-18, 1995.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CAMPOS, P.; LAGARES, R. A representação social do trânsito como prática social complexa. *Estudos*, 28, p. 783-807, 2001.
- _____; ROUQUETTE, M. L. La dimension affective des représentations sociales: Deux recherches exploratoires. *Bulletin de Psychologie*, 53, p.435-441, 2000.
- CASTRO. Representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. In: SPINK, M. J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 149-187.
- DESAULNIERS, Julieta B. R. Formação, Competência e Cidadania. *Educação e Sociedade*, vol. XVIII, n. 60, dez. 1997.
- GUARESCHI, N. M. F. (1993). A criança e a representação social de poder e autoridade: Negação da infância e afirmação da vida adulta. In: SPINK, M. J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da Psicologia*

- Social*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 212-233.
- JAHODA. Critical notes and reflections on social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, p. 198-209, 1988.
- JODELET, D. Représentation sociale: Phénomènes, concept et théorie. In : MOSCOVICI, S. (Org.). *Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984. p. 357-378.
- _____. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (Org.). *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989a. p. 42-49.
- _____. *Folies et représentations sociales*. Paris: PUF, 1989b.
- LACERDA, M.; PEREIRA, C. e CAMINO, L. (2002). Um estudo sobre o preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, p.165-178, 2002.
- LEYENS, J. P. ; DARDENNE, B. Basic concepts and approaches in social cognitions. In: HEWSTONE, M.; STROEBE, W. & STERPHENSON, G. M. (Orgs.). *Introduction to social psychology: a european perspective*. Oxford: Blackwell, 1996. p. 109-134.
- MENIN, M. S. S. Representações sociais de justiça em adolescentes infratores: Discutindo novas possibilidades de pesquisa. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 13, p.59-71, 2000.
- MOSCOVICI, S. *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF, 1976.
- _____. The phenomenon of social representations. In: FARR, R. & MOSCOVICI, S. (Orgs.). *Social representations*. Cambridge: Cambridge University, 1984. p. 369.
- _____. L'ère des représentations sociales. In : DOISE, W. & PALMONARI, G. (Orgs.). *L'étude des représentations sociales*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1986. p. 72-87.
- POTTER, J. e LINTON, I. Some problems underlying the theory of social representations. *British Journal of Social Psychology*, 24, p. 81-90, 1985.
- VALA, J. Representações sociais: uma psicologia social do pensamento social. In: VALA, J. & MONTEIRO, M. B. (Orgs.). *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. p. 351-384.

Ana Luiza Xavier Barros é Assistente Social, Doutoranda em Serviço Social/PUCRS, Docente da Escola de Serviço Social da UCPel/RS; Integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisa e Extensão Sobre Trabalho - UNITRABALHO e da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - INTECOOP/UCPel.

E-mail: aluba@phoenix.ucpel.tche.br

Eliana P. G. de Moura é Psicóloga; Doutora em Educação; Docente da Escola de Psicologia/UCPel; Integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisa e Extensão Sobre Trabalho - UNITRABALHO e da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - INTECOOP/UCPel.

E-mail: elianapgmoura@uol.com.br

Marcos Kammer é Mestre em Filosofia, Docente do Instituto Superior de Filosofia; Integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisa e Extensão Sobre Trabalho - UNITRABALHO e da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – INTECOOP/UCPel.
E-mail: marcoskammer@uol.com.br

Matilde Contreiras é Mestre em Letras, Professora de Língua Estrangeira. Docente da Escola de Educação/UCPel, no curso de Letras. Integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisa e Extensão Sobre Trabalho – UNITRABALHO.
E-mail: rs059132@via-rs.net

Reinaldo Xavier Tillmann é Advogado; Mestre em Desenvolvimento Social; Docente da Escola de Direito/UCPel; Integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisa e Extensão Sobre Trabalho - UNITRABALHO e da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - INTECOOP/UCPel.
E-mail: rxt@phoenix.ucpel.tche.br

Artigo recebido em julho/2004